

IMPrensa E ABOLICIONISMO: Notícias da Escravidão e da Liberdade em *O Asteróide* (Cachoeira, 1880-1889) *

Jacó dos Santos Souza **

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo refletir a atuação do periódico abolicionista *O Asteróide* no movimento antiescravista, entre os anos de 1887 e 1889, quando circulou pela cidade de Cachoeira. As informações impressas nessa folha noticiosa nos ofereceram importantes caminhos para se pensar como a escravidão era vivida, noticiada e lida nessa parte do Recôncavo baiano ao longo daqueles anos. Ao longo do texto, estivemos atentos aos sentimentos e planos de reforma social defendidos pelo periódico. A ideia é perceber como os projetos de inserção social dos libertos estavam articulados com os ideais de modernidade, civilização e progresso. Para isso, o estudo analisa diferentes documentos do período, como *processos-crime*, periódicos, correspondências policiais, atas de sociedades libertadoras, entre outros.

Palavras-chave: Imprensa. Abolicionismo. Cachoeira.

Num fim de semana de 1887, na cidade de Cachoeira, foi criado um dos mais atuantes periódicos abolicionistas do interior da província da Bahia. Resultado de um projeto idealizado por indivíduos envolvidos no movimento antiescravista, o jornal *O Asteróide* atormentou a elite local escravocrata ligada à lavoura açucareira que, naqueles difíceis dias, resistia à abolição do trabalho escravo.¹ O periódico, que se autodeclarava *órgão de propaganda abolicionista*,² começou a circular num momento em que a continuidade do cativo era tema central nos debates entre proprietários de escravos, parlamentares, juristas, abolicionistas e “gentes do povo”, todos empenhados na busca de uma solução viável para o que se definia como “elemento servil”.

Região de terras banhadas pela Baía de Todos os Santos, o Recôncavo baiano esteve diretamente envolvido em questões relacionadas à escravidão do negro africano. Fortemente marcada, desde os tempos coloniais, por grandes complexos açucareiros,³ a *hinterlândia* reuniu numerosa quantidade de “braços negros” que ali aportaram para desenvolver diferentes atividades no campo e nas cidades. A constatação do brasileiro Bart Jude Barickman de que essa localidade manteve-se densamente povoada, durante o século XIX, e concentrando numerosa população escrava não espanta aos leitores dos empoeirados documentos ainda guardados nos arquivos baianos.⁴ Afinal, entre outras coisas, os serviços da lavoura exigiam diversos trabalhadores para preparo da terra, roçagem, plantio, limpa e colheita da cana-de-açúcar, mandioca, tabaco, milho e muitos outros produtos cultivados na região.

Não obstante a incansável lida diária, a população cativa empregou diversos meios na busca da liberdade que, em instantes decisivos, demandava a ajuda de parceiros de trabalho, parentes consanguíneos e/ou rituais, libertos, juristas e a população livre em geral. Ampla literatura sobre os últimos anos do escravismo indica casos de ações movidas na justiça, quando falhavam as possibilidades de acordo entre escravos e senhores;⁵ de atividades extras, realizadas por escravos, o que lhes garantiam uma renda para futuro emprego na compra da carta de liberdade, entre outros. Devemos considerar ainda outras compreensões dos significados da liberdade para os cativos que não estavam limitadas à conquista da alforria. Negociações tecidas no viver cotidiano do ambiente escravista, como menor rigor nos castigos físicos, formação e manutenção da família, ampliação da dieta alimentar, acesso a terra e criações.⁶ Situações diversas que contribuíram para desgastar o secular poder senhorial.

Na Bahia, ao longo da década de 1880, a indisciplina provocada pela propaganda abolicionista,⁷ aliada à certeza de que a escravidão não teria longevidade, levou muitos escravocratas, à semelhança de seus pares do sudeste, a empenharem-se na busca de soluções para a lavoura. Jailton Lima Brito notou que grandes proprietários de Santo Amaro e Cachoeira promoveram reuniões nos anos de 1884 e 1885 com a intenção de “combater o abolicionismo, defender o trabalho escravo e a abolição gradual e indenizada”.⁸ Essas assembleias revelavam que o escravismo estava enfrentando uma progressiva desintegração e que os senhores procuraram, a todo custo, controlar o processo tentando estabelecer formas próprias para abolir o trabalho servil.

Mesmo assim, entre 1887 e 1888, a possibilidade da abolição imediata, e seus desdobramentos, ainda era cercada por muitas incertezas.⁹ As fugas em massa tornaram-se frequentes, em diversas partes do país, fazendo aumentar as tensões e conflitos. Algumas gazetas repetiam à exaustão a necessidade de se libertar os escravos e, assim, tentar evitar as temidas deserções. Segundo os jornalistas, a alforria seria uma forma de preservar a autoridade moral dos senhores, garantindo a permanência dos cativos nas propriedades.¹⁰ Por outro lado, o grande número de alforrias concedidas nos primeiros meses de 1888 demonstrava que os senhores sabiam dos perigos de frustrar as expectativas dos escravos.¹¹ Nesse contexto, em setembro de 1887, surgiu o periódico abolicionista *O Asteróide*, na cidade de Cachoeira, interior da Bahia. Um jornal que teve participação decisiva nos desdobramentos do movimento abolicionista cachoeirano.

O movimento abolicionista nas páginas de *O Asteróide*

No Recôncavo baiano, os últimos anos da escravidão foram marcados por embates e tensões, envolvendo escravos, senhores, abolicionistas e a população livre. O sinal dos tempos mostrava para os proprietários ainda resistentes que o controle sobre os cativos estava cada dia mais impraticável.¹² Em Cachoeira, os confrontos radicalizaram-se ao longo de 1887, ocorrendo instantes de apreensão nas fazendas e na cidade. Nas ruas e na justiça, a autoridade senhorial era questionada, dando lugar a uma crescente perda de legitimidade do escravismo. Os cativos contaram com um movimento abolicionista que atuava através de sociedades, da imprensa, examinando matrículas de escravos, realizando acoitamentos, entre outras ações. Num contexto marcado por confrontos e agitações, apareceu, em 1887, o periódico abolicionista *O Asteróide*, que se autodefiniu como um órgão de divulgação das mazelas e injustiças da escravidão.¹³

A imprensa tornou-se uma das principais formas de militância abolicionista desenvolvida por cachoeiranos. Se durante muito tempo os senhores de escravos utilizaram-se da imprensa para defender interesses e aspirações, discutir projetos para a lavoura, noticiar compra, venda, aluguel e fugas de escravos,¹⁴ os abolicionistas também souberam tirar proveito dos jornais como poderoso instrumento de comunicação a serviço da causa da liberdade. Desse modo, denúncias de maus tratos, cativo ilegal dos que chegaram depois da lei de 7 de novembro de 1831, entre outras notícias, foram temas frequentes nas folhas abolicionistas que procuravam arrebatam o apoio da população para o movimento antiescravista.

Os redatores de *O Asteróide* também procuraram, através da propaganda, convencer proprietários de escravos e populares da necessidade de lutar pelo fim da escravidão. Para isso, utilizaram-se de diferentes linguagens e argumentos, a fim de atingirem os objetivos políticos traçados durante o tempo de circulação. Frequentemente, se denunciava a procura de escravos fugidos, bem como os maus tratos a eles dispensados por senhores e capitães-do-mato. As libertações que aconteciam no sudeste eram noticiadas com muito entusiasmo, sendo apresentadas com o objetivo de forjar atitudes e comportamentos que servissem de exemplo a ser seguido; as cartas de alforria “concedidas” pelos senhores cachoeiranos, de cidades circunvizinhas e de outras partes do país; ameaças e destruições de tipografias. Enfim, cenas da luta cotidiana contra a escravidão.

O primeiro exemplar de *O Asteróide* circulou na cidade de Cachoeira em 23 de setembro de 1887. Além dele circulavam outros jornais abolicionistas.¹⁵ Os discursos desses periódicos esbarravam na resistência dos proprietários residentes no Recôncavo baiano, que insistiam em manter sob domínio mulheres e homens escravizados. Não

obstante, a mais recente folha abolicionista cachoeirana envolveu-se em conflitos com senhores de escravos e/ou seus representantes, procurando, entre outras coisas, mobilizar a opinião pública para a campanha antiescravista. Por conseguinte, encontrou repercussão entre diversos setores da sociedade que, insatisfeitos com os arbítrios senhoriais, adotaram a abolição da escravatura como bandeira de luta.

Para o leitor atento às amareladas páginas de *O Asteróide*, uma das questões que chama atenção, à primeira vista, é o nome do jornal. Logo no primeiro exemplar, eles reservaram um espaço na seção de noticiários justificando a escolha do nome. Segundo eles:

“Asteróide”, vocábulo astronômico, que quer dizer: “globo de fogo” que atravessa as camadas atmosféricas, a maior ou menor distância da terra, e que faz explosão como uma bomba, com, ou sem ruído, conforme a maior ou menor aproximação do “espaço” à terra; e que por efeito de sua explosão produz o desenvolvimento de milhares de fragmentos luminosos, e irradiação de cores infinitas, cruzando-se em todas as direções, e formando-se outros tantos pequenos asteróides.¹⁶

Portanto, o título do periódico diz muito sobre a linha editorial que seria por ele adotada, ou seja, um discurso altamente combativo e aguerrido na campanha contra a escravidão. Os “fragmentos luminosos” a que o jornal se refere, produzidos em consequência da “explosão” do asteróide, parecem sinalizar o desejo dos jornalistas de que suas mensagens pudessem atingir a sociedade cachoeirana. Além disso, podemos até supor que a imagem construída casa perfeitamente com a ideia de que a abolição poderia se desdobrar em outras reformas, inclusive em possibilidades várias de liberdade. O nome do jornal revela a forma como os seus fundadores o entendiam, como um órgão que tinha como missão o esclarecimento, ou melhor, levar a luz às consciências ainda mergulhadas na escravidão. Assim, a abolição deveria ser precedida pelas luzes do saber e da informação.

O Asteróide circulou de setembro de 1887 a setembro de 1888, publicando-se, nesse período, noventa e nove exemplares. Em maio de 1889 voltou às ruas com o exemplar de número cem, em comemoração à “lei diamantina de 13 de maio”. O processo de elaboração, publicação e distribuição do periódico envolvia diversos participantes, que atuavam como redatores, colaboradores, tipógrafos e distribuidores. Além desses, a participação do público “consumidor” na aquisição da folha, de forma avulsa ou mediante assinaturas, foi imprescindível para o empreendimento, embora acreditemos que o periódico não visasse interesses econômicos, pois possuía como proposta orientadora atuar como um órgão de propaganda.

Poucos foram os colaboradores que assinaram textos publicados no jornal. A grande maioria dos editoriais, artigos e matérias aparecem sem autoria definida. Apenas Paulo Mendes e Sulpício de Lima e Câmara saíram do anonimato e registraram seus nomes ao final do texto impresso. Uma estratégia utilizada pelos abolicionistas para evitar prováveis retaliações, uma vez que estavam inseridos num contexto em que todos se conheciam, foi assinar com pseudônimos, a exemplo de “Lycintheo – o Forte”, “um abolicionista”, “um crente”, “um amigo”, “o ventríloquo”, “um espreitador” e “o curião fogofo”. Em geral, eles usavam palavras depreciativas na redação dos textos quando denunciavam senhores e autoridades locais, relacionando-as às injustiças da escravidão e abusos de poder.

Através de indícios oferecidos pelas fontes, encontramos nome de alguns daqueles que atuavam como redatores do periódico abolicionista, uma vez que eles não aparecem explicitamente na folha. No grupo responsável pela publicação de *O Asteróide* estavam pessoas de diferentes profissões como professores, médicos, advogados e comerciantes. Esses abolicionistas tinham origem em camadas privilegiadas da sociedade cachoeirana e sanfelista, embora nenhum deles tivesse ocupado cargos políticos na localidade. A documentação sugere a participação desses homens em questões de liberdade ainda nos primeiros anos da década de 1880. Além disso, muitos deles atuavam em jornais locais. Assim, quando decidiram em 1887 editar o periódico alguns tinham larga experiência profissional na área do jornalismo.

Os discursos impressos em *O Asteróide* revelam que os articulistas tinham o explícito interesse de atingir diversos públicos de leitores. Em muitos casos, a linguagem utilizada é direcionada a um grupo específico de pessoas, a exemplo do extenso artigo publicado no segundo exemplar do jornal e dirigido às senhoras cachoeiranas. Ali, a intenção do autor era conquistar o apoio das mulheres, mostrando que a defesa da escravidão chocava-se com os princípios cristãos defendidos por elas. Em palavras impressas, afirmava:

Se assim é, senhoras, se fostes educadas nestes princípios de moral e de religião, se sois cristãs, deveis saber, senhoras, que se na terra existem esses preconceitos sociais de elevação ou de inferioridade, perante Deus, porém, todos nós somos iguais.

Vós, senhoras, sois cristãs e como tais não ignoreis este sublime preceito ensinado pelo divino Mártir do Golgóta: “amai-vos uns aos outros”.¹⁷

Sabemos que a alfabetização era limitada para as mulheres baianas, mesmo as de elite, e que elas tiveram um ingresso tardio no processo de escolarização,¹⁸ no entanto

essa realidade não anula a possibilidade desse grupo ter tido acesso ao conteúdo impresso no jornal. Assim sendo, a estratégia dos jornalistas em alcançar o público feminino tinha sentido. Implicitamente, eles demonstravam o poder de persuasão das mulheres, através dos acordos estabelecidos no ambiente doméstico. Não foi por acaso que o texto dirigido às “distintas” mulheres ficou destacado na primeira página do periódico. Por meio de argumentos religiosos e emotivos buscavam chegar aos proprietários de escravos através de suas mães, esposas, irmãs, filhas e afilhadas, como ficou registrado na parte final do texto: “Vós senhoras, que sabeis a linguagem dos anjos, falai a vossos esposos, a vossos pais, a vossos irmãos, a vossos filhos, mostrando-lhes tão grande desumanidade!”¹⁹

Em maior medida, os abolicionistas buscaram atingir o resistente grupo de proprietários de escravos. Os argumentos, palavras e linguagens utilizadas para esse público, foram os mais variados. Em todos os casos, a intenção era convencê-los a libertar os escravos, mostrando-lhes que a abolição não tardaria a acontecer diante do desgaste que vinha sofrendo a escravidão. A retórica paternalista foi marca distintiva dos inúmeros artigos e notas onde se reclamava a libertação imediata dos cativos. Essa assertiva ficou evidenciada numa nota publicada em novembro de 1887 onde, depois de desferir críticas a determinadas posturas senhoriais, o articulista prognosticou: “Tudo será debalde! Senhores escravocratas, a hora vai soar, o único recurso é libertar os escravos e abraçá-los para não deixarem quem os criou”.²⁰ Em outras palavras, invocar o sentimento de gratidão entre os cativos seria o meio de conter as fugas e garantir a dominação sobre os mesmos numa virtual abolição.

O conteúdo dos textos direcionados aos senhores demonstra a forma como os abolicionistas ligados ao periódico defendiam o encaminhamento da abolição no município. Influenciados pelos rumos do abolicionismo em outras províncias e desejando sensibilizar os setores escravistas, afirmavam que a libertação escrava não causaria transtornos à grande lavoura. Desse modo, rebatiam a idéia predominante de um abandono generalizado das fazendas pelos ex-escravos com o argumento de que estes permaneceriam nos locais de trabalho, após a liberdade, movidos pelo sentimento de gratidão ao seu ex-senhor. E afirmavam: “(...) vendo protegido [o escravo], garantido por aqueles mesmos que acabam de ser seus senhores, raro estamos certos serão aqueles que desertarão das fazendas para a vida da vagabundagem”.²¹

Aliados à defesa da libertação escrava, os discursos de elogio ao trabalho como caminho para o progresso tornaram-se frequentes na folha desde novembro de 1887. Através de matérias transcritas de outros periódicos do império, com o objetivo de

conferir maior credibilidade aos argumentos, os redatores procuravam mostrar as vantagens econômicas do trabalho livre, ao tempo que buscavam tranquilizar os proprietários sobre os efeitos da liberdade entre os cativos. Mas a associação dos libertos à vadiagem foi uma marca daquele momento histórico. Desde as primeiras décadas do século XIX, houve crescente vigilância, sobretudo pelas autoridades policiais, da população pobre que circulava pelas cidades e vilas da Bahia. Os libertos eram submetidos a rígido controle pelas autoridades policiais, e os assaltos, roubos, e a prostituição eram encarados como consequência da vadiagem. Preocupados com a situação da lavoura, muitos senhores procuraram mostrar que era preciso “tratar” a vadiagem no intuito de manter a “ordem”. Assim, a indisponibilidade dos livres e libertos para o trabalho agrícola foi o “pretexto para repressão”. Segundo a ótica senhorial era preciso encarar a vadiagem com mais rigor e tentar assegurar o bom andamento da produção agrícola.²²

Mas, se em alguns momentos os articulistas dirigiam-se aos senhores na intenção de convencê-los a libertar seus cativos, noutros os discursos voltavam-se para a população escrava sob títulos variados como “aos escravos”, “em poder dos escravos”, “a fuga”, “os escravos devem fugir” e “fujam, fujam, fujam”. Em todos os artigos aparece uma ideia comum: a fuga escrava dos locais de trabalho deveria acontecer, mas sem prejudicar a ordem estabelecida. Isto revela a proposta de abolição perseguida pela folha que tinha como objetivo uma mudança que não prejudicasse a ordem social e econômica. Portanto, o discurso assumido pelos articulistas era que o trabalho nas fazendas não sofreria “desorganização” com a abolição. Segundo essa visão, a transformação deveria ocorrer, mas sem atrapalhar os grandes centros agrícolas da região.

Essa postura revela a forma como os jornalistas entediam a condução do movimento abolicionista, ou seja, o tipo de abolicionismo defendido pela equipe de *O Asteróide*, destacando a “prudência” como a tônica do discurso. Vejamos isto numa nota de 3 de abril de 1888:

(...) Exercendo o nobre direito de defesa própria, eles, as vítimas da barbárie, tem abandonado os seus algozes em busca de suas liberdades e consta-nos que nestes 3 dias últimos já sobe a 100 o número de retirantes (...)

Muito bem, é digno de louvor aqueles que reagem, com toda a *prudência e moralidade*, contra seus algozes.²³ (grifos nossos)

Embora entendessem que a abolição só seria viável com a participação da senzala no processo, ideia presente em vários artigos e notas onde os articulistas conclamavam os escravos à fuga, defendendo o “direito natural” de liberdade, os abolicionistas ligados ao periódico posicionavam-se dentro de uma linha moderada do movimento. Mesmo incitando e defendendo as fugas da população escrava, o jornal recomendava “*prudência e moralidade*”, numa tentativa de assegurar o resguardo da vida senhorial. Essa posição de *O Asteróide* difere da adotada por alguns jornais paulistas ligados ao grupo de caifazes que defendiam um abolicionismo radical, fora dos trâmites legais.²⁴ Não obstante os editoriais, matérias e artigos constantemente inflamados, o caráter conciliador foi marca dessa folha.

Nesse sentido, os articulistas amparavam-se num discurso mediador de conflitos entre senhores e escravos. Esta assertiva fica bastante evidente numa nota publicada em março de 1888 onde se registrou algumas manumissões realizadas pelo redator e advogado José Theodoro Pamponet. Segundo a nota, ao agir desta forma, o abolicionista estava “conseguindo, desta sorte, harmonizar os escravizados com seus senhores e, ao mesmo tempo, contribuindo para que o trabalho não sofra desorganização”.²⁵ Mais adiante acrescentou, “para manifestação da ordem regular do trabalho e para harmonizar os libertados com seus ex-senhores, honra-nos por demais o epíteto de ‘acoitador’ que nos é emprestado pelo ódio do escravagismo”.

Considerações finais

Com efeito, este texto pretendeu demonstrar que a campanha antiescravista na cidade de Cachoeira teve a imprensa como importante instrumento de propaganda. A gazeta abolicionista *O Asteróide*, surgida em setembro de 1887, num momento marcado por tensões sociais em torno do encaminhamento da abolição, desempenhou papel estratégico, uma vez que estimulou o sentimento de aversão ao escravismo através da veiculação de imagens que retratavam cenas de mazelas e injustiças do cativo. Nas páginas do periódico, muitas linhas foram escritas para demonstrar que a escravidão era responsável pelo atraso do país em relação às nações ditas “civilizadas”.

As narrativas impressas na gazeta dizem muito sobre projetos políticos e comportamentos desejáveis de senhores, escravos, abolicionistas e populares ante o desgaste do escravismo. Aos senhores eram dirigidos discursos que davam publicidade às alforrias, enfatizando os seus resultados vantajosos, bem como os da adoção de contratos de trabalho. Aos escravos, buscava-se incitá-los às fugas, mas sempre

recomendando “prudência e moralidade”, a fim de não prejudicarem os empreendimentos agrícolas. Aos abolicionistas recomendava-se postura altruísta, incentivando-os ao sacrifício da própria vida pela causa da liberdade. Aos populares, buscavam despertar o sentimento patriótico, associando a luta contra a escravidão à defesa da pátria. Na contra mão do movimento abolicionista estavam os senhores, lutando para cercear as iniciativas escravas pela liberdade e as ações, cada vez mais arrojadas, dos “perturbadores” da tranquilidade senhorial, no caso, os abolicionistas locais.

Ademais, as histórias analisadas ao longo deste estudo demonstraram que, na cidade portuária de Cachoeira, a campanha antiescravista congregou diferentes grupos sociais. A radicalização do movimento resultou na prisão de abolicionistas e conflitos de rua de grandes proporções. Nas páginas de *O Asteróide*, o tom do discurso foi mais cauteloso, buscando seus redatores assegurar aos proprietários de escravos que a abolição não causaria transtornos à produção agrícola, atividade econômica importante para a região. Entretanto, a atitude dos ex-escravos era outra, muitos se recusaram a permanecer nos antigos locais de trabalho e reivindicaram direitos de cidadão livre.

* Esse texto é parte da Dissertação de Mestrado, defendida em março de 2010, pelo Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia, intitulada “Vozes da abolição: escravidão e liberdade na imprensa abolicionista cachoeirana, 1887-1889”, sob a orientação do Prof. Dr. Walter Fraga Filho.

** Mestre em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia. Professor da Rede Municipal de Cachoeira.

¹ BARICKMAN, Bart Jude. “Até às vésperas: o trabalho escravo e a produção de açúcar nos engenhos do Recôncavo Baiano (1850-1881)”, *Afro - Ásia*, 21-22. Bahia, s. ed., 1998-1999. Este pesquisador notou que os senhores de engenhos das zonas açucareiras do Recôncavo baiano empregaram números significativos de escravos nos trabalhos da lavoura, perto da abolição, apesar do constante declínio da população escrava verificado na segunda metade do século XIX.

² *O Asteróide*, 23 de setembro de 1887, p. 1.

³ Ver SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*; tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

⁴ BARICKMAN, Bart Jude. *Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003, p. 38.

⁵ Ver o excelente trabalho de SILVA, Ricardo Tadeu Caires. “Os escravos vão à justiça: a resistência escrava através das ações de liberdade, Bahia, século XIX”. Dissertação de mestrado. Salvador, UFBA, 2000.

⁶ Sobre o assunto ver BRITO, Jailton Lima. *A abolição na Bahia: uma história política, 1870-1888*. Salvador CEB, 2003; CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁷ FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006, p. 108.

⁸ BRITO, Jailton Lima. *A abolição na Bahia*, pp. 217-219.

⁹ Ver ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 105, especialmente o 2º capítulo.

¹⁰ CASTRO, Hebe Maria Mattos de. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista - Brasil século XIX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, pp. 218-219.

¹¹ Idem, p. 193.

¹² Ver SILVA, Ricardo Tadeu Caires. “Os escravos vão à justiça: a resistência escrava através das ações de liberdade, Bahia, século XIX”. Dissertação de mestrado. Salvador, UFBA, 2000, especialmente o 3º capítulo.

¹³ BRITO, Jailton Lima. *A abolição na Bahia*, pp. 84-85, fala que na década de 1870, alguns periódicos soteropolitanos firmaram um pacto antiescravista em que não publicariam anúncios de fuga, compra, venda ou aluguel de escravos.

¹⁴ Ver FREIRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979.

¹⁵ FONSECA, Luiz Anselmo da. *A escravidão, o clero e o abolicionismo*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1988, p. 337.

¹⁶ *O Asteróide*, 23 de setembro de 1887, p. 2.

¹⁷ *O Asteróide*, 27 de setembro de 1887, p. 1.

¹⁸ Márcia Maria da Silva Barreiros Leite. *Entre a tinta e o papel: memórias de leitoras e escritas femininas (1870-1920)*. Salvador: Quarteto, pp. 46-47.

¹⁹ *O Asteróide*, 27 de setembro de 1887, p. 2. Ver AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. “Irmão ou inimigo: o escravo no imaginário abolicionista dos Estados Unidos e do Brasil”. *Revista USP*, São Paulo (28): 96-109, dezembro/fevereiro 95/96. Analisando as representações dos escravos entre abolicionistas norte-americanos e brasileiros, essa autora notou referências religiosas num discurso proferido por Rui Barbosa e dirigido às mulheres de elite da Bahia. Para ela, que defende um caráter secular do abolicionismo brasileiro em detrimento do religioso, as palavras de Rui Barbosa, além de outras coisas, foi uma estratégia para alcançar as mulheres baianas através do sentimento de fraternidade com os escravos, já que ambos ocupavam uma posição hierárquica inferior naquela sociedade patriarcal.

²⁰ *O Asteróide*, 4 de novembro de 1887, p. 2.

²¹ *O Asteróide*, 25 de novembro de 1887, p. 2.

²² FRAGA FILHO, Walter. *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX*. 1. ed. São Paulo: HUCITEC/EDUFBA, 1996, pp. 174-177, notou que os discursos que estigmatizavam os libertos como “vadios e ociosos” intensificaram-se após a extinção definitiva do tráfico de africanos, em 1850, quando os grandes senhores de engenho já não contavam mais com a renovação da mão-de-obra cativa. Desse modo, fala o autor, “ao estabelecer a conexão entre vadiagem, crime e pobreza, as autoridades buscaram justificar a utilização do recurso da força contra os libertos”.

²³ *O Asteróide*, 3 de abril de 1888, p. 2.

²⁴ Para uma reflexão sobre a atuação dos caifazes, sob a liderança do abolicionista Antonio Bento, ver MACHADO, Maria Helena. *O plano e o pânico: os movimentos sociais na década da Abolição*. São Paulo: Ed. UFRJ: EDUSP, 1994.

²⁵ *O Asteróide*, 23 de março de 1888, p. 2.